O Ex-presidente Lula e a onda do terceiro mandato: um estudo do discurso jornalístico e seu poder de fabricação da realidade

Professor Me Marcos Moisés Crisóstomo de Oliveira

Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e leciona a disciplina Língua Portuguesa no Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia da Bahia (IFBA) Campus de Santo Amaro.

Resumo: Apresenta-se, no trabalho, o estudo de enunciados do discurso jornalístico selecionados em duas matérias da revista *Isto é* do ano de 2009 que versam de maneira sutil sobre a identidade do então Presidente Luis Inácio Lula da Silva e a possibilidade de um terceiro mandato. Na análise, observa-se como se dá o cruzamento do discurso político, esportivo, histórico e das relações internacionais com vistas a favorecer tal projeto eleitoral. O objetivo da investigação é identificar e sistematizar as estratégias linguísticas com que os sujeitos enunciadores constroem a avaliação sobre a matéria. A presente investigação insere-se no quadro teórico das disciplinas Análise do Discurso, Teoria da Argumentação e Teoria da Enunciação e se propõe a contribuir para uma abordagem pedagógica da leitura/interpretação de textos.

Palavras-chave: Discurso – Jornalismo – Argumentação - Política

O discurso jornalístico pode ser definido como um meio de acesso essencial à análise da história e dos conjuntos sociais de memória. Ele é responsável pelo movimento do mundo da notícia na sociedade contemporânea. De certa forma, é possível afirmar que tudo que é visto, ouvido, ou lido passa pelo crivo do jornalismo e ganha configuração de verdade através dele.

O estudo discursivo que dá conta das estratégias argumentativas é capaz de auxiliar o leitor a conhecer peculiaridades na organização do discurso jornalístico e a elucidar problemas relativos às estratégias discursivas nele utilizadas. Para tanto, buscando proceder a análise das estratégias utilizadas de modo a observar o papel que elas cumprem no direcionamento da notícia, o corpus foi selecionado de uma revista de grande circulação nacional, a *Isto é*, uma publicação semanal brasileira de informações gerais, publicada pela *Editora Três,* considerada uma das quatro principais revistas semanais a circularem no Brasil, ao lado de *Veja*, *Época* e *CartaCapital*.

Esse trabalho tomou o ensaio opinativo,*"Lula e o gordo"* de autoria de Leonardo Attuch e a matéria informativa *"A onda do terceiro mandato"* assinada por Luiza Villaméia que foram publicados na revista *Isto é* de 13 de maio de 2009 com o intuito de constituir um modelo de análise para que o leitor possa criar bases para a compreensão do jogo estratégico que o discurso jornalístico encerra, já que, como qualquer outro discurso, este é oriundo de uma subjetividade, ou de uma determinada posição do sujeito.

Pretendeu-se, a partir da análise das escolhas lexicais, da utilização de algumas estruturas sintáticas e do uso de certos recursos semânticos feitos pelo enunciador, demonstrar como se dá a fabricação da realidade mediante a uma posição de sujeito que irrompe uma natureza peculiar de efeitos de sentido e que caracteriza uma subjetividade a partir de objetos-de-discurso. Interessou então mostrar que o processo que envolve esses procedimentos de composição linguística, não espelha diretamente o mundo real, mas constrói e reconstrói os elementos no interior do próprio discurso.

É possível afirmar que é por intermédio do discurso que os indivíduos se conhecem e se reconhecem em uma sociedade. Isso faz do discurso jornalístico um veículo de criação de identidade capaz de atuar na manipulação das práticas de um grupo, já que a mídia possibilita a seus leitores o conhecimento de fatos ocorridos por meio das notícias que veiculam. Essa é a principal função social de um jornal, ou revista.

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

Sem embargo, não se pode considerar que esse processo de veicular a notícia se realize de maneira aleatória, imparcial, ou inocente. Toda e qualquer cobertura jornalística é centrada numa subjetividade que se utiliza de um jogo discursivo estratégico visando levar o leitor a agir numa dada direção – é disso que trata o presente trabalho.

Várias são as maneiras de se analisar um texto jornalístico. Uma delas é verificar como, por meio das escolhas do léxico, das estruturas sintáticas e de recursos semânticos, foram produzidos determinados efeitos de sentido. É necessário prestar atenção na escolha das palavras, na seleção das estruturas, nos seus significados, e na relação existentes entre elas e nos efeitos que criam.

A análise aqui realizada pretende mostrar, através de pressupostos das ciências que se ocupam do discurso, mais precisamente da Análise do Discurso de linha francesa aliada, da Teoria da Argumentação e da Teoria da Enunciação como nesses dois textos da revista *Isto é* se circunscreve uma posição-sujeito de contrato com o discurso que apoiou a possibilidade de um terceiro mandato para o presidente Luís Inácio Lula da Silva. O trabalho buscou nas evidências enunciativas do texto demonstrar como os enunciadores lançaram mão de uma série de estratégias linguísticas no sentido de fomentar um espaço discursivo favorável a tal proposta.

As especulações para a eleição presidencial de 2010 já eram correntes entre os comentaristas de política no Brasil e a possibilidade de um terceiro mandato do presidente Lula foi, no contexto histórico do lançamento da revista em questão, um dos temas mais debatidos e polêmicos do período. Até bem pouco tempo dessa época, a então ministra da Casa Civil Dilma Rousseff, hoje presidente do Brasil, era nome certo na bancada do PT. Entretanto, notícias recentes sobre a sua saúde fizeram parecer inviável a candidatura dela, devido às nuance que envolviam um tratamento de câncer, doença que, na ocasião, veio a acometê-la. Em vista dessa constatação, muito se falou sobre um possível terceiro mandato do presidente Lula. No entanto, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso afirmava naquele momento que a possibilidade de terceiro mandato abriria as portas para o autoritarismo no país, e, nesse sentido, fazia referência ao período da ditadura no Brasil em que os mandatos dos presidentes militares tinham tempo indefinido. Numa postura contrária, o presidente Lula também declarava que apenas oito anos era pouco tempo para fazer tudo que se desejava.

O momento parecia definir duas posições discursivas ante ao tema. Uma que o considerava um ato de autoritarismo e se configurava num retrocesso na história da democracia no Brasil e outra que tinha na permanência do presidente Lula o elemento chave para a continuidade do crescimento do país. Para a segunda posição, o terceiro mandato era um avanço por que considerava que não se deve “mexer em time que está ganhando”. Os dois artigos analisados nesse trabalho estão colocados discursivamente na segunda posição. O primeiro firmando a idoneidade de Lula e o segundo afirmando a necessidade atual desse terceiro mandato.

A revista veicula na coluna de Leonardo Attuch o texto que apresenta o título “Lula e o Gordo”. Nele, o enunciador busca fazer um paralelo entre o presidente Lula e o jogador Ronaldo que carregava a alcunha de “O fenômeno” por ter aparecido no cenário esportivo, ainda muito jovem, 17 anos apenas, já com grande habilidade e sucesso. Ronaldo que era quem também recebia a nominalização “O gordo” na matéria, foi protagonista de transações milionárias envolvendo times estrangeiros. Seu passe, supervalorizado e cobiçado, percorreu as melhores e mais ricas equipes da Europa tendo também sido por três vezes considerado pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Associados) o melhor jogador do mundo (um recorde!). Ronaldo é, desde que surgiu no cenário do futebol brasileiro e mundial, um símbolo de sucesso. É verdade que em sua história ele atravessou momentos de altos e baixos, mas não foram poucas as ocasiões em que, representando o Brasil nos campos de futebol pelo mundo, deu orgulho aos brasileiros, merecendo o título de herói.

O primeiro enunciado do artigo faz um jogo de palavras que associa Ronaldo ao presidente Lula: “Ate ontem o apelido era Ronalducho a partir de agora é melhor chamá-lo de

Ronaldlula". Os determinantes adverbiais temporais "Até ontem" e "a partir de agora" introduzem a ideia de que Ronaldinho saiu (mais uma vez!) de um passado de fracasso, ressurgindo para um novo momento de vitórias. O termo "Ronalducho" então faz referência ao seu problema de peso inadequado para ao seu bom desempenho esportivo. Sem embargo, essa é uma escolha lexical derivada da aglutinação do nome **"**Ronaldo" ao adjetivo "gorducho" que faz referência ao período marcado por escândalos, baixas performances em campo e um problema visível de peso anterior ao momento de sucesso que ele gozava na época da publicação dos textos em análise. Assim, "até ontem" aponta para o fato de que a mudança é recente, ao passo que "a partir de agora" firma o momento presente de sucesso e de reconquista da popularidade positiva, advinda da admiração e confiança do povo.

Nesse caso, a escolha do vocábulo derivado de um processo de aglutinação do nome "Ronaldo" com o nome "Lula", fazendo referência ao momento do jogador naquela atualidade, marcou uma posição discursiva que avaliava positivamente o presidente Luís Inácio Lula da Silva. Ronaldo é bem avaliado na forma de um espelho donde se reflete a imagem de sucesso do presidente brasileiro.

O restante do primeiro parágrafo descreve o momento totalmente favorável de Ronaldo sem perder o paralelo com a realidade do presidente Lula:

> O "gordo" tem um time que joga em função dele, manda mais do que o técnico, conta com juízes quase sempre amigos e sua torcida é fanática – dizem até que a oposição foi cooptada e que os torcedores dos times adversários andam comemorando seus gols.

O uso do enunciado "a oposição foi cooptada" comum ao discurso político integra a descrição, constituindo um cenário em que se cruzam aspectos do político e do esportivo e que permite perceber a estratégia de tornar equivalentes o momento de Ronaldo e do presidente Lula identificando-os às ideias da nação brasileira. Fato que se comprova no encerramento do parágrafo onde é apresentada a afirmação de que depois do mais recente título do Corinthians, time atual de Ronaldo, ele ocupa ao lado do presidente Lula a posição de "homens mais populares do Brasil".

O texto traça um paralelo entre esses dois personagens mostrando que ambos tiveram momentos de glórias intercalados por momento de fracasso. A tabela abaixo apresenta trechos do texto de Attuch e serve para facilitar a visualização do trabalho discursivo de construir uma história paralela dos dois personagens:

	Trechos sobre Ronaldo	**Trechos sobre Lula**	**Observações**
1998 \1989	Na final da copa de 1998, quando o Brasil inteiro torcia por ele, Ronaldo surtou antes do jogo com a França.	Na disputa eleitoral de 1989, Lula também viveu a sua convulsão no dia do histórico debate contra Fernando Collor	*1998 -1ª copa de Ronaldo como titular *1989- 1ª campanha eleitoral de lula para presidente
2002	Na copa de 2002, Ronaldo foi o artilheiro.	No mesmo ano, lula chegou ao poder.	*1ª copa vencida por Ronaldo como titular. *Lula finalmente sai do "banco de reservas" e se elege
	O fenômeno viveu novos pesadelos e arrebentou seus dois joelhos	Lula teve o escândalo do mensalão e foi obrigado a substituir vários jogadores para também não sair expulso de campo	"Mas, como a vida não caminha sempre em linha reta"
2006	Lula perguntou ao técnico da seleção Brasileira, Carlos Alberto parreira, se	O centroavante deu um chega pra lá no presidente	

	Ronaldo está gordo.	com estilo. “Dizem que ele também bebe demais”.	
2009	Ronaldo é uma unanimidade e ainda veste a camisa do time do coração de lula.	[...] que assiste da arquibancada com 70% popularidade.	
	Ronaldo é garoto-propaganda de uma marca de cerveja, coisa que só jogadores mitológicos como ele podem se dar ao luxo de fazer.	Lula, que aos poucos se converte em dono do Brasil, começa a tirar do armário seu plano para se perpetuar no poder, ciente de que não tem mais adversários.	
	Não se sabe quem tem mais barriga [...]	[...]quem bebe ou não	

Com o quadro é possível evidenciar como a comparação da história dos dois pode ser delineada como estratégia discursiva passível de construir o efeito de sentido capaz de compará-los como “lados da mesma moeda”. Ronaldinho é o Lula dos gramados e Lula é o Ronaldo da política. Como aparece no próprio artigo: “Os dois andam cheios de si e fazem o que bem entendem pairando acima do bem e do mal.” Ambos são fenômenos, tiveram problemas, ressurgiam sempre e estavam em grandes momentos. A necessidade de Ronaldo era chegar mais uma vez à seleção brasileira e disputar a sua quinta copa, se tornando então o único brasileiro a realizar tal feito, superando Pelé que teve participação em apenas quatro edições de copa do mundo, ao passo que a missão de Lula estava na possibilidade do terceiro mandato, que o tornaria o presidente que mais mandatos teve mediante ao voto popular. O texto se encerra afirmando o merecimento de Lula em vista disso, mas o faz usando Ronaldo como uma espécie de espelho quando diz “mas se há alguém que realmente merece um terceiro mandato, seu nome é Ronaldo.”

Nesse texto, destacam-se as escolhas lexicais presentes nos neologismos “Ronalducho” e “Ronadlula” e a utilização da estratégia argumentativa de comparação como forma de fazer de Ronaldo, “o fenômeno”, uma espécie de metáfora do presidente Lula. Observa-se nesses gestos de interpretação do real o cruzamento dialógico do discurso político com o futebolístico, trazendo à memória elementos de nacionalismo e de esperança que favoreciam a adesão ao terceiro mandato do presidente Lula.

O segundo texto a ser analisado é uma matéria que consta da seção internacional. Pode-se perceber nela um exemplo concreto de construção da notícia mediada por valores e com propósito bem definido. Eis o que aparece como título e *linha fina* matéria: **“A onda do terceiro mandato**: Depois de Venezuela e Equador, agora a Colômbia está prestes a instituir uma medida eleitoral que não deu certo no passado.”

A manchete faz uma escolha lexical pelo uso da expressão “onda” que remete ou texto de Alvin Tofller, “a terceira onda”. Alvin Tofller é um pensador que se destaca pelo estudo de uma realidade de avanço tecnológico inevitável. Em seu trabalho, *the third wave* (a terceira onda) ele divide a história da humanidade em três momentos que ele nomeia como “três ondas”. De maneira superficial e dentro do que interessa a este trabalho, elas podem ser definida como momento agrícola, momento industrial e a terceira onda, que dá nome ao livro, que é a sociedade de informação. Dessa forma, a manchete dialoga com a memória de que situações técnicas, econômicas e até políticas são inevitáveis, tão inevitáveis quanto uma onda o é. No enunciado aparece também a palavra “terceiro” como determinante de “mandato”, e que reforça o efeito de coincidência da manchete com a expressão “terceira onda” que é de uso comum entre o público-alvo da revista. Aliás, a própria palavra “onda” também remete a ideia de moda, tendência, que vem da utilização que esta palavra tem na gíria advinda do surf, já que nesse esporte, o sucesso está em não se perder a onda e em saber aproveitá-la.

No subtítulo, encontra-se a citação sequencial de dois países que aderiram à possibilidade de um terceiro mandato, Venezuela e Equador, e um terceiro país em que o presidente buscava

nessa mesma época a mudança constitucional para obter também o direito a concorrer a um terceiro mandato consecutivo. Aliás, esse é o enfoque da reportagem que se propunha a tratar de como o então presidente colombiano Álvaro Uribe debatia com a sociedade desse país a necessidade de se permitir a ele a participação nas eleições próximas. A manchete usa a forma verbal "está prestes a instituir" que constrói um sentido de certeza de algo que vai acontecer. Interessante notar que em toda a reportagem nenhum dado atesta que tal fato vai realmente acontecer. Isso por que não é encontrada no texto nenhuma análise da conjuntura nacional da Colômbia que permita a certeza apresentada na forma verbal.

A matéria inicialmente reproduz a fala de Uribe alegando não estar buscando uma realização pessoal e sim que ele via no terceiro mandato uma necessidade do país, em nível político e econômico. Depois traz o relato da história política do supracitado presidente, de sua vitória, quando conquistou o direito à reeleição. Esse primeiro parágrafo termina falando dos sucessos dos presidentes da Venezuela e do Equador.

Em seguida é feita uma série de citações da fala legitimada do professor de Relações Internacionais da UNB Virgílio Arraes que, analisando as condições sócio-políticas econômicas da Colômbia, explica como a possibilidade de mandatos consecutivos se instaurou na América Latina após a guerra fria e lembrando que no Brasil isso ocorreu no período do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Tal referência é importantíssima na construção da argumentação em prol do terceiro mandato, já que o ex-presidente FHC, apesar de naquele momento representar um posicionamento contra a hipótese do terceiro pleito, foi o responsável e o favorecido pela legalização do segundo mandato. Essa parte dialoga de maneira bastante sutil desconstruindo o discurso que se opõe a ideia defendida no texto.

A partir daí, os próximos parágrafos vão justificar o que na manchete é nomeado de "fracassos", ou seja, as tentativas do presidente do Peru Alberto Fujimore e do presidente da Argentina Carlos Menen. Na verdade, o que é comentado não é bem o fracasso da lei que permitiu o terceiro mandato nesses países, mas sim os delitos desses presidentes que os tiraram do poder. Chega-se mesmo a dar destaque usando em negrito à seguinte frase: **"Atolado em denúncias de corrupção, enriquecimento ilícito e violação dos direitos humanos, Fujimore acabou renunciando ao posto".**

É importante notar que na reportagem nenhuma frase parece justificar o uso da expressão "medida eleitoral que não deu certo no passado", pois na verdade o que não deu certo foi a conduta dos presidentes de Peru e Argentina e não a proposta da terceira reeleição que hoje ainda é vigente nesses países. Aliás, o artigo é ilustrado por um quadro que destaca os sucessos dos presidentes de Venezuela, Equador e cita até o presidente Evo Morales da Bolívia como um caso positivo e necessário de um candidato a terceiro mandato.

Mais uma vez pode ser verificado um diálogo sutil que atua desconstruindo a posição discursiva que faz oposição à matéria. Em geral, quando os comentaristas se referem à proposta de terceiro mandato ocupando um posicionamento discursivo contrário a ela, eles levantam a informação de que em outros países da América Latina tal ato redundou em fracasso eleitoral como pode ser observado nesse trecho do artigo do Jornalista Sebastião Nery, publicado na gazeta de Alagoas em 17/05/2009:

> Carlos Chagas, que sabe de Brasília o que ninguém sabe de gripe suína, contou que no jantar que o presidente Lula ofereceu, no fim de semana, a José Sarney e Michel Temer, presidentes do Senado e da Câmara, os dois lhe perguntaram:
> – Presidente, o que o senhor acha do terceiro mandato?
> – E vocês, o que é que acham?
> Tanto a pergunta dos dois quanto a resposta de Lula são confissões de crime. A trinca sabe que terceiro mandato é golpe. A própria maneira solerte como os dois abriram a conversa e a forma escorregadia com que Lula respondeu já

> revelam que o assunto é estupro da Constituição. O corrupto Fujimori, no Peru, tentou e está na cadeia até hoje. O índio Evo Morales, na Bolívia, forçou e não conseguiu. O sargentão Hugo Chávez, da Venezuela, insistiu, foi para o plebiscito e o povo lhe negou. Essa é uma loucura em que o Brasil não merece ser jogado."

Diferentemente do que aparece no texto de Nery, o título do quadro ilustrativo presente na matéria da Isto é diz: "Eles já mudaram as regras do jogo" A escolha do determinante verbal "já", na posição anteposta ao verbo, permite reforçar no jogo argumentativo do texto, que tem no vocábulo "onda" um sentido de inexorabilidade de acontecimentos sociais, históricos, econômicos e culturais e no uso da forma verbal que denota certeza de um acontecimento "está prestes a instituir", a ideia de concretude da possibilidade de terceiro mandato, isso porque que ela "já" é real nos países citados no quadro e também, é possível entender nesse mesmo "já" uma necessidade de urgência histórica que fica clara quando se retorna à escolha lexical do termo "onda", ou seja, o "já" possibilita a interpretação de que é necessário e urgente acompanhar a "onda" do terceiro mandato.

A matéria também é ilustrada pela fotografia do presidente Uribe dando ao que parece um passo, pois tem a perna direita um pouco flexionada e o corpo apoiado na esquerda no mesmo momento em que mostra com os dedos da mão direita o número quatro. Abaixo aparece escrito na fotografia o trecho ***"A PASSOS LARGOS***[1] o presidente Uribe, da Colômbia, diz que a ambição pessoal não está em jogo". Ao fundo aparece algo como que um batalhão das forças armadas em marcial formação de gala demonstrando ordem e "avanço".

Deve-se destacar que "Passos largos", apresentado em destaque entra em conjunção com a ideia de "avanço", "onda", certeza de algo que vai e deve acontecer para a manutenção da ordem. Tal ideia é reforçada pelo destaque que é dado às palavras do presidente Álvaro Uribe quando garante que "a ambição pessoal não está em jogo".

O texto se encerra com mais referências ao professor Virgílio Arraes, que admite ser necessário à Colômbia o terceiro mandato devido à pressão que sofre esse país no que se refere à luta contra o narcotráfico. Segundo ele, a permanência de Uribe seria importante devido ao seu bom relacionamentos com os organismos internacionais e em especial com o governo dos Estados Unidos da América.

A última parte escreve assim:

> A crise econômica internacional que afeta tanto o suporte americano à Colômbia como a balança comercial de Venezuela, Equador e Bolívia, ameaça porém minar os **avanços** conquistados. No futuro, pode ocorrer o mesmo processo de desgaste dos governos dos anos 1990 que permitiu a chegada da oposição ao poder.

Essa parte chama a atenção por duas escolhas lexicais. A primeira se refere ao vocábulo "avanços" que pode fazer referência tanto às conquistas da oposição que chegou ao poder desde 1990 e quanto à possibilidade de dois ou três mandatos consecutivos se incluírem nesses avanços. Mais uma vez aparece a ideia de mudança evolutiva, positiva, avançada. "avanços" coaduna com a noção de atualização das maneiras de governar, com a modernização de práticas políticas e com o crescimento, seja ele econômico ou democrático.

Essa mesma palavra também aparece no trecho: "Na mais recente onda de reeleição, os governantes vem se beneficiando dos avanços sociais que promoveram."

"Avanços" corrobora com a noção de que o terceiro mandato é um merecimento desses candidatos de uma antiga oposição que chegou ao poder e tem dado resultados e é também uma necessidade da América em não ver parar este processo. E por esse motivo que tal argumento precede a análise já citada do professor Virgílio Arraes que defende a necessidade da

[1] Esse trecho aparece destacado em letras garrafais na revista.

permanência de Uribe na Colômbia devido ao seu bom desempenho em obter ajuda internacional para o problema do narcotráfico desse país.

E a segunda escolha lexical é a da palavra "desgaste", donde se faz um alerta para um quadro desfavorável da situação da antiga oposição, que hora ocupa o poder, devido a recente crise mundial que poderá " minar" "os avanços conquistados", pois isso "afeta tanto o suporte americano à Colômbia como a balança comercial na Venezuela, Equador e Bolívia". Esse é talvez o único momento em que aparece um argumento que poderia ser considerado contrário à ideia do sucesso da "onda do terceiro mandato". Entretanto, essa parte não entra em relação de contradição com a forma verbal tradutora da iminência de acontecimento "está prestes a instituir", por que se utiliza do determinante verbal "no futuro" para modificar a forma denotadora de dúvida " pode ocorrer".

Embora, nesse texto não apareça, em nenhum momento a figura do presidente Lula, a discussão do terceiro mandato o faz presente. Já que o texto está sendo escrito por brasileiros para brasileiros num momento em que tal discussão é atual. A respeito disso é oportuno ver o comentário de Charaudeau (2006) sobre a mídia:

> (...) a mídia, de modo geral, transforma um acontecimento em notícia interpretada por um jornalista que organiza seu discurso de acordo com um público-alvo do jornal para o qual trabalha. Esse discurso corresponde a possiblidade de se propagar uma crença, legitimando grupos dominantes

Enfim, seja por seu caráter de não corresponder fielmente à realidade, mas de representá-la, seja pelo modo como o jornalista organiza seu discurso, pode-se observar que as notícias são construídas por alguém com algum propósito, consciente ou inconsciente, mediado por valores e investidas de ideologia.

No primeiro texto, se utilizando do cruzamento dialógico do discurso esportivo com o político, há um aproveitamento da tradicional paixão brasileira por futebol. Com isso a idoneidade do presidente Lula para o terceiro pleito é construída enquanto se faz um paralelo deste com o jogador de futebol em evidência do momento, Ronaldo, conhecido como "O fenômeno". Assim, a ideia de terceiro mandato aparece como uma proposta forte, dias depois do Corinthians[2] ganhar o Campeonato Paulista, seu primeiro título da temporada, e provocar a euforia dos amantes do futebol brasileiro, Corinthianos ou não.

E no segundo texto, é feita uma analise da atual situação do continente americano mostrando que o terceiro mandato além de ser uma necessidade é uma tendência, ou melhor, uma "onda" na América governada pela oposição que a partir de 1990 ascendeu ao poder.

Não é novidade que o discurso da *Isto é* se afina com o discurso dessa oposição a qual é também partidária do presidente Lula. Embora a revista em alguns momentos tenha, a semelhança da revista *Veja*[3], levantado a bandeira da imparcialidade no trato da notícia, sabe-se que desde a sua criação, o seu posicionamento ante a conjuntura partidária do país é esse e ela teve importante participação na virada política que promoveu ao sindicalista Luis Inácio Lula da Silva o cargo mais importante do país

Objetivo desse trabalho foi discutir questões relacionadas ao discurso jornalístico e seus gestos de interpretação presentes nas escolhas linguísticas que amparam um fazer argumentativo. Analisaram-se dois artigos veiculados pela mídia escrita, para compreender a sua organização e detectar as estratégias argumentativas utilizadas nesse discurso com vistas a permitir uma determinada construção do real amparada por uma posição de subjetividade específica.

---

[2] time recém advindo da segunda divisão do campeonato brasileiro que também é o time do coração do presidente, onde Ronaldo atualmente exerce a função de centroavante e de grande esperança de títulos futuros,

[3] que popularmente é vista como a sua opositora ideológica

A perspectiva foi criar um modelo de análise que auxiliasse leitores a se tornarem proficientes, de tal modo que ficasse claro a não ingenuidade do discurso jornalístico, estando, pois firmado que estes estão longe da proposta de simplesmente informar. Isso quer dizer que a informação vem carregada de um recorte, de uma opinião, um direcionamento que o discurso imprime ao fato e que gera e alimenta diante desse um sistema de valores. Assim não se tratou de observar somente o que se fala, ou melhor, conteúdo do texto, mas também buscou-se entender como se organiza o modo como e por que se fala sobre o terceiro mandato do presidente Lula.

É evidente que a análise de apenas dois textos e a dimensão necessária do trabalho para corresponder aos critérios desse congresso não permitem a visualização de muitos dos recursos disponíveis em uma produção discursiva. Entretanto, esse trabalho contribui com a abertura das possibilidades de se iniciar a compreensão de como funcionam os mecanismos linguísticos.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, P. **O Discurso das mídias**. 1. ed. São Paulo: contexto, 2007

DE CERTEAU, M. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

FIORIN, José Luiz. **As astucias da enunciação: As categorias de pessoa espaço e tempo.** 2. ed, São Paulo: Editora Ática, 2001

GREGOLIN, M. R. V. **Sentido, sujeito e memória: com o que sonha a nossa vã autoria?** In: GREGOLIN, M. R. V.; BARONAS, R. (Org.) **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos: Claraluz, 2001, p. 60 –78.

GREGOLIN, M. R. V. **O enunciado e o arquivo**: (en)trevista com Foucault. Mimeo, 2002.

KOCH, I.; VILAÇA, G. **Argumentação e linguagem**, 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2000